

A LÓGICA DA PESQUISA QUALITATIVA E OS MODOS DE PROCEDIMENTOS NELA FUNDADOS

THE LOGIC OF QUALITATIVE RESEARCH AND ITS METHODS OF PROCEDURES

Maria Aparecida Viggiani Bicudo¹

Resumo: Neste artigo, são trazidos os modos pelos quais se compreende a lógica da pesquisa, qualquer que seja. É entendido que a lógica é constituinte da pesquisa, focada na civilização do mundo ocidental. Para dar conta dessa afirmação, é apresentada uma tessitura entre a lógica já mencionada nos trabalhos dos filósofos pré-socráticos, quando aparece de modo difuso da lógica, entendida como *princípio puro*, por Platão, que traz uma maneira *nova* de concebê-la; a modificação de paradigma da lógica da investigação com Euclides, que também traz um *novo*; e o *novo* na pesquisa instituída por Galileu. É colocada a questão se caberia ser mantida uma polêmica entre *pesquisa quantitativa versus qualitativa*. Explicita-se que, do ponto de vista do movimento do próprio conhecimento, essa polêmica não cabe e não se mantém. Argumenta-se que essa dicotomia se mantém em termos político-ideológicos, visando ao poder. Explicitam-se as visões de mundo, de conhecimento, de rigor implícitas à investigação qualitativa e expõe-se a lógica que a subjaz. Esta é uma lógica que caminha junto à interpretação dos dados construídos pela pessoa – e sua equipe - que investiga o indagado, expressa em textos mediante a linguagem. Explicita-se que a interpretação exige um trabalho árduo, não passível de ser pautado em um modelo apriorístico e geral; que está longe de ser subjetivo e embasado em emoções que sustentem opiniões; que é sempre um trabalho intersubjetivo que avança no diálogo lógico-racional entre pessoa investigadora-texto-contexto-estudos que dizem do investigado.

Palavras-chave: Lógica; Pesquisa; Pesquisa qualitativa; Pesquisa quantitativa.

Abstract: This article presents ways in which the logic of research is understood, whatever it may be. It is understood that logic is in the core of the research, focused on the civilization of the Western World. In order to clarify this assertion it is presented a texture between the logic already mentioned in the works of the Pre-Socratic philosophers when it appears in a diffuse way; the logic, understood as a pure principle, by Plato, which brings a *new* way of conceiving it; the paradigm shift in the logic of investigation with Euclid, which also brings a *new* one; and the *new*, in the research instituted by Galileo. It is raised whether a controversy between quantitative *versus* qualitative research should be maintained. It is explained that, from the point of view of the movement of knowledge itself, this controversy does not fit and can not be maintained. It is argued that this dichotomy is maintained in political-ideological terms, aiming at power. The views of the world, knowledge and rigor implicit in qualitative research are explained, and the underlying logic is exposed. This is a logic that goes hand in hand with the interpretation of the data constructed by the person – and his team – who investigate the questioned, which are expressed in texts through language. It is explained that interpretation requires hard work, which cannot be based on an aprioristic and general model; that it is far from being subjective and based on emotions that support opinions. The interpretation is always an intersubjective work that advances in the logical-rational dialogue between the *researcher-text-context-studies* that speak of the investigated person.

Key-words: Logic; Research; Qualitative research; Quantitative research.

¹ Professora Titular (aposentada) de Filosofia da Educação, Universidade Estadual Paulista, campus de Rio Claro. Presidente da Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos – SEPQ; Pesquisadora 1-A do CNPq. E-mail: mariabicudo@gmail.com

1 Introduzindo o tema

Para expor a respeito da lógica da pesquisa qualitativa, é preciso explicitar o modo pelo qual se concebe a lógica da pesquisa, qualquer que seja.

Quando, no mundo ocidental, na Grécia antiga, os primeiros filósofos pré-socráticos (séculos VIII, VII, VI a.C.) expuseram o seu pensar a respeito das questões concernentes à realidade, perguntando, *o que é isto que é?* ou *o que é o ser?* e apresentaram suas respostas, tecendo argumentações para justificá-las, concomitantemente, colocaram-se a questão a respeito do próprio conhecimento para que pudessem tecer afirmações – lógicas, racionais - sobre o conhecimento da realidade. Olhando para a História da Filosofia, entendo que investigar a realidade, ou o que existe e como existe, é uma ação que está sempre articulada ao modo de conhecer isso que existe deste ou daquele modo. E, nos primórdios da história da filosofia da civilização ocidental, entendeu-se que o conhecimento humano, que já transcendesse a esfera da *doxa* - opinião - e buscasse galgar a *episteme* - enquanto filosofia ou ciência, deveria ser lógico ou racional, sendo, nessa base, considerado ciência. Aqui o termo ciência está relacionado à presença da lógica, tomada ainda de modo ingênuo, difuso e não como princípio e, menos ainda, como uma teoria.

Ainda na Grécia Antiga, a negação da ciência, expressa pelo ceticismo sofístico, gera em Platão² uma reação que o leva a investigar uma possibilidade que se conotasse como essencial, para embasar e justificar a ciência. Sua intenção de justificar a lógica, mediante *princípios puros*, preenche o entendimento de ciência com *novo* sentido. Segundo Husserl, a ciência surge

[...] em um novo sentido, aparece em uma primeira instância do estabelecimento da lógica de Platão, como um lugar para explorar os requisitos essenciais de um conhecimento 'genuíno' e de uma ciência 'genuína' e, assim, descobrir normas, em conformidade com as quais uma ciência conscientemente almejada de modo justo, uma ciência que justifique conscientemente seus métodos e teoria pelas normas" (HUSSERL, 1978, p. 1).

A busca de Platão era por normas essenciais puras da ciência em que todas as suas formações genuínas fossem modelando os seus métodos e dando conta de cada passo no avanço dos raciocínios interligados. Essa intenção se perdeu, na medida em que a lógica se auto guiou, de maneira que, com a analítica de Aristóteles³, cristaliza-se dentro de si,

² Platão é um filósofo do período clássico da Grécia Antiga; viveu em Atenas entre 428/427 e 348/347 a.C.

³ Aristóteles é um filósofo do período clássico da Grécia Antiga. Nasceu em 384 e faleceu em 322 a.C. Oriundo da cidade de Estagira.

formando uma teoria, rigidamente, sistemática. Ela, então, afasta-se de suas formações genuínas e se mantém como uma teoria sistematizada, sustentando o edifício da “ciência” que foi sendo construído ao longo da história da civilização ocidental.

Antes de explicitar sua presença e respectiva importância nessa edificação, é importante trazer os sentidos de lógica que se evidenciam na esfera da subjetividade e, também, os presentes na dinâmica própria da conexão entre pensamento e linguagem.

Nas “Considerações Preparatórias”, Husserl (1978), expõe que a palavra *logos* possui muitas significações, dentre as quais “estabelecer por meio de palavras e discurso ou fala”. Na linguagem, já mais desenvolvida,

logos algumas vezes significa palavra ou a própria fala; outras, o falado, a complexidade referida no falar; mas, também, por outro lado, o pensamento proposicional produzido pelo falante com propósitos de comunicação ou ainda para si mesmo: o sentido mental, o *como se*, da sentença assertórica, aquela que o falante intende pela expressão. Além disso, em muitas locuções *logos* aponta para o próprio *ato mental*: o predicado, a asserção ou outro pensamento em que um conteúdo de sentido é gerado concernente aos objetos ou a complexidade em questão (HUSSERL, 1978, p. 18).

Entretanto, no âmbito do interesse científico, esses significados trazem sentidos primeiros e se comportam como sementes em gestação da ideia de uma *norma racional* nele contida. Dessa perspectiva, o sentido da palavra *logos* aponta, primordialmente, para o pensamento assertivo, decorrente de ajuizamentos; aponta para as proposições, para as afirmações, para o pensamento afirmado⁴. A teorização da lógica se assenta nesses sentidos e significados e toma as proposições e seus encadeamentos como matéria *da sua forma*.

Na história da edificação da ciência do mundo ocidental, a lógica é tomada em seus aspectos teóricos e rígidos, viabilizando a construção de um poderoso ferramental que se perpetua como alicerce para a ciência, até hoje, no século XXI. Esse ferramental se evidencia no movimento de produção da Geometria Euclidiana, em cuja obra está presente a passagem de um paradigma de conhecimento, aquele produzido e praticado no mundo natural para outro, aquele que opera com figuras-limite ideais. Essa Geometria é transportada por Galileu para a Ciência Moderna, embasando a Física, que se torna o modelo de ciência ocidental e, assim, ela penetra nos diversos campos do conhecimento

⁴ Husserl, no texto aqui mencionado, traz aberturas para que se considere a questão de que o julgar não abrange todo o pensar e, também, para que se volte à questão do pensar no sentido mais amplo da palavra. Para encaminhamento do texto em *démarche*, eu me ative aos sentidos que mais se aproximam daqueles da edificação da ciência.

humano. Com a algebrização, ela se expande e abre horizontes possíveis de produção inovadora. De modo resumido, abaixo é exposto o movimento indicado neste parágrafo.

A lógica está presente na “ciência pré-categorial” subjacente ao conhecimento do mundo em que vive Euclides⁵. É um ambiente de efervescência da ciência, que conta com a ciência pré-categorial ou pré-científica que se embasa na crença de um mundo *uno*, decorrente do conhecimento, gerado na praticidade empírica da realidade do cotidiano, entrelaçado com intuições que se mostram bem sucedidas a respeito de explicações do acontecido e de previsões do futuro. Entendamos, entretanto, que *o bem sucedido*, nesse âmbito, é aceito como julgamentos aproximados em termos de mais ou menos, e não à base de exatidão.

Esse estilo causal universal do mundo circundante intuível faz com que nele sejam possíveis *hipóteses*, induções, previsões com respeito ao que no presente, no passado e no futuro é desconhecido. Na vida pré-científica, porém, estamos apesar de tudo no aproximativo e típico (HUSSERL, 2008, p. 45).

Há uma lógica implícita a esse modo de proceder. De acordo com Ales Bello, “Pur non possedendo valore assoluto, la scienza, qualsiasi scienza, hà una struttura lógica” (1986, p. 120)⁶.

Com Euclides, também há um *novo*, no que diz respeito à ciência e, igualmente, em Platão, ao buscar princípios; houve um *novo* em termos da concepção de ciência exposta pelos pré-socráticos. Ressalto o dito por esse *novo* em ambos os casos. Para Platão, o *novo* se mostra em sua busca por princípios puros, por normas essenciais puras da ciência em que todas as suas formações genuínas fossem explicitadas, modelando os seus métodos e dando conta de cada passo no avanço dos raciocínios interligados. *O novo* da Geometria Euclidiana, em relação à ciência pré-categorial, está na *exatidão*, operada por uma matematização indireta, mediante a força do método, delineado nessa geometria.

O processo mediante o qual o exato foi se estabelecendo na ciência, entendida agora já com a visão implícita à Geometria, desenvolve-se com o auxílio da lógica aristotélica que está à disposição, uma vez que já está elaborada e tornada pública. As demonstrações dos teoremas da Geometria Euclidiana trazem as normas dessa lógica, já afastadas dos “princípios puros e das normas essenciais”. Juntamente com isso, vem ao encontro da teorização do conhecimento geométrico o tratamento das figuras espaço-

⁵ Euclides, de Alexandria, foi um matemático que viveu no século III a.C.

⁶ “Mesmo não possuindo valor absoluto, tem uma estrutura lógica” (tradução da autora).

temporais como ideais⁷. Esse método: trabalhar com as figuras ideais se torna a prática dos matemáticos que se afastam, assim, dos conteúdos empíricos dos objetos. É nessa dimensão que a *exatidão* é possível, pois, em sua idealidade, as figuras-limite possibilitam determinar uma *identidade absoluta*. “Pois abre-se, por fim, a possibilidade de gerar construtivamente, de modo unívoco, por um método sistemático a priori de máxima extensão, todas as figuras ideais em geral imagináveis” (HUSSERL, 2008, p. 41).

Galileu⁸ toma como dada a Geometria Euclidiana e o seu método. Essa prática é o *novo* que ocorre na Física galilaica. A Física deixa de operar em nível das experiências empíricas nas quais imperam imperfeições, passando agora a trabalhar na dimensão do espaço-tempo ideal, de modo sistemático e metódico. O passo dado de um paradigma, daquele da Geometria Euclidiana para outro, aquela da *Nova Física* galilaica, é intensificado e ampliado em sua força com a operacionalização da exatidão, sustentada pela mensuração. Esta é realizada pela *arte da medição* que

[...] descobre *na prática* a possibilidade de escolher como *medida* certas figuras fundamentais empíricas, fixadas em concreto em corpos empiricamente-constantemente de facto universalmente disponíveis e, por meio das relações existentes (ou a descobrir) entre elas e outras figuras corpóreas, determinar estas outras figuras de modo intersubjetiva e praticamente unívoco – de início em esferas de figuras (HUSSERL, 2008, p.42).

O importante, na obra de Galileu, foi a aplicação prática da Geometria Euclidiana à Física, sem se perguntar pelos significados dessa aplicação, pela mudança de visão de realidade que estava sendo assumida. O importante era o *como fazer* em que estão embutidos os procedimentos investigativos que viriam a gerar produtos exatos, porque mensuráveis, em uma realidade *ideal*, porque sustentados na idealidade das figuras-limite.

A Física se revela bem sucedida, tanto em termos científicos-teóricos, constatável pela teoria da Física Mecânica e de toda sua aplicação prática, como na dimensão do mundo da indústria e do comércio; portanto, do capital. O sucesso transcende o seu domínio, olhada a Física como disciplina, e alastra-se para o domínio de outras disciplinas, inicialmente, aquele das ciências da Natureza e, posteriormente, para o das Ciências Humanas. Estas disciplinas também não se questionam a respeito da mudança

⁷ Ideais aqui tem o sentido da ideia como exposta por Husserl em muitas de suas obras, mas de modo bastante pontual no *Ideas* (HUSSERL, 1931). A forma percebida, em um dado empírico, não chega às atividades da consciência do sujeito como representadas em sua objetividade exata e concretamente dada, porém como o percebido pelo sujeito no ato de perceber.

⁸ Galileo Galilei; Pisa, 15 de fevereiro de 1564 — Florença, 8 de janeiro de 1642.

de visão de realidade e de conhecimento da realidade e ficam extasiadas com o sucesso do método e dos procedimentos práticos que se viabilizam. Instaura-se a lógica da produção, tanto do conhecimento, como, mediante aplicações práticas possibilitadas pelo conhecimento técnico e tecnológico, de bens de consumo.

Destaca-se, nesse movimento, a supremacia que o método de pesquisa assume e, progressivamente, vai sendo aperfeiçoado. Os recursos tecnológicos disponíveis, hoje, são testemunhas do nível alcançado em termos de método, evidenciando o horizonte em aberto para sempre mais progredir nessa direção.

A segurança sentida pela pessoa ao se colocar no movimento de investigar, embasando-se nas concepções de certeza vinculada à exatidão e ao procedimento correto, pois assentado em um método que há séculos se mostra cada vez mais bem sucedido, impôs-se com força. A visão assumida a respeito da exatidão e da certeza, unidas à confiança no método e em seu sucesso, entrelaçaram-se, constituindo uma ideologia imperante no mundo da ciência ocidental. Mais do que isso, foi considerada, até o fim do século XIX, como o único modo científico de se fazer ciência. O método, embasado no aspecto quantitativo dos dados, entendidos como objetivos e que dão sustentação à pesquisa, torna-se hegemônico. Ele responde pela visão epistemológica. Visa à verdade científica, ainda que aproximativa do objetivamente dado, mas sempre embasada na visão exata expressa, prioritariamente pelo aspecto quantitativo.

Esse modo de compreender a investigação, assumida como busca da verdade objetiva, impõe-se pelos séculos que se seguem, ampliando-se, universalmente, em termos de conhecimento científico e tecnológico, e está vivo e dominante nas diferentes instituições que promovem pesquisa. Sustenta, também, de maneira robusta, a lógica de plataformas que avaliam os projetos de pesquisa.

E, nesse ponto, pode-se esclarecer o embate que ora se está travando neste evento, ou seja, o confronto com pesquisadores que não assumem essa visão de realidade e de procedimentos investigativos. Não se trata tão somente de não se trabalhar com o quantitativo ou com a exatidão ideal da Matemática. Trata-se, porém, de se assumir uma visão outra de realidade, de verdade, de rigor, de obtenção de dados a serem trabalhados na busca de conhecimento. Conhecimento que não é visto como decorrente de comprovação de hipótese que, uma vez aprovada, conduz a um passo à frente, aproximando-se cada vez mais do “real”. Mas conhecimento tomado como um movimento em busca de compreender o mundo, sua realidade, o modo de o ser humano

viver, sendo com os outros na singularidade individual de cada um e na igualdade de cada um com todos os outros, sempre presentes ao mundo.

2 Pesquisa Quantitativa versus qualitativa?

Seguramente, não. Não se trata de levantar uma bandeira por uma ou por outra modalidade de pesquisa, nem de se afirmar a supremacia absoluta de uma sobre a outra; entretanto, de dar-se conta da visão de mundo e de conhecimento que subjaz a cada uma, compreender sua lógica, os aspectos da realidade mundana que se mostram mais apropriados a serem estudados por uma ou por outra modalidade. Ou seja, de compreender o que se busca conhecer e cujos indícios revelam ser mais bem estudados de modo qualitativo, ou quantitativo.

Uma separação entre esses modos de investigar já se mostra sem embasamento ao se focar o próprio movimento da realidade e do conhecimento. Na busca por explicitar esta afirmação, solicito a presença de dois filósofos significativos para o pensar meditativo-reflexivo sobre ciência.

Dentre os muitos filósofos que compreendem a realidade como *devenir*, cito Hegel⁹ (2016). Ele é mencionado, nesse artigo, por ser matemático e por ter entendido e tratado, apropriadamente, a questão da realidade, da lógica, da quantidade e da qualidade.

Ele compreende a realidade como um *devenir ininterrupto*, que traz em si o movimento constante do *vir-a-ser*. No livro, *Ciência da Lógica* (2016), explicita que se pode trabalhar e tratar do conhecimento dessa realidade apenas enquanto postos na linguagem. Nesse livro, Hegel trabalha essa ideia, focando as maneiras em que conceitos importantes à Matemática, tais como: número, quantun, finito, infinito sempre têm o outro dentro de si - o que não é, ou seja, o que não está dito na linguagem que o está expressando, gerando um movimento de ir além do que está ali dito e conduzindo-o à mudança. Conforme eu compreendo, há um *escorregar* do qualitativo para o quantitativo que volta, modificado para o qualitativo. Movimento esse que está sempre em devir. Exemplifica Hegel (2018, p. 233), trazendo a ideia do grau de grandeza determinada. Afirma que grandeza não é uma quantia, mas é uma variedade. É o *vário*, ou seja, aquilo que é o cerne da variação, recolhido em uma determinação simples; no entanto, sua *determinabilidade* há que ser expressa por um número, como sendo o ser determinado

⁹ Georg Wilhelm Friedrich Hegel, filósofo alemão, nasceu a 27 de agosto de 1770 e faleceu em novembro de 1831.

perfeito, o quantum. Mas este é passível de ser quantificado como grau - 10, 20 graus. É um número, porém entendido como valor numérico. O número é um “uno” que traz dentro de si uma pluralidade numérica, de modo que *o que é* ou *que está* externo a ele, está dentro dele também. Isto é a pluralidade de coisas externas e contáveis, ao modo de indicação, está inclusive no seu núcleo e quando ele, o número, é focado na linguagem que o expressa e naquela que expressa aplicações ou desdobramentos do *uno*, não se deixa aprisionar apenas no ponto específico da reta euclidiana. Escorrega para significações que vão se revelando no movimento do próprio *devenir*.

Se compreendermos esse movimento e se o aceitarmos como o que, genuinamente, nos move na busca de conhecer a nós mesmos e ao mundo, então não temos uma separação entre o qualitativo e o quantitativo. Eles se mostram como momentos, nos quais podemos nos demorar mais, tendo em vista o foco do que se busca conhecer e que podem ser expostos, pela linguagem, nas formas possíveis de conhecimento produzido, como explicitando compreensões que se revelam esclarecedoras. Jamais como verdades únicas.

Outro pensador, que nesse texto chamo a comparecer para dar conta da questão da *exatidão*, valor central à pesquisa quantitativa como realizada no âmbito da prática científica e no da produção da ciência da civilização ocidental, primordialmente, no último século, é Husserl¹⁰. Quando explicita a questão da matematização da natureza (2008), busca pelas raízes do pensar dessa matematização que tem embasado a lógica do pensamento ocidental. Essas raízes não se encontram na quantidade numérica, mas no modo pelo qual a lógica do conhecimento do mundo pré-categorial, ou pré-científico, tal como era explicitado e praticado na realidade mundana, com destaque para aquela da cultura da Grécia Antiga, que esse autor toma em sua análise descritiva exposta nessa obra. Essa lógica advém de uma convicção fundamentada no ver direto, intuitivo do que se percebe, imediatamente, em um ambiente que nos circunda e que nos é próximo e coexistente a nós. Mundo “Il mondo inteso come l’unità di tutte le esperienze, come formazione costitutiva delle formazioni associative fondate sul *Glauben*, è conoscibile empiricamente secondo il principio logico dell’induzione e questo ha la stessa estensione dell’esperienza obiettivante (ALES BELLO, 1986, p.148).¹¹

¹⁰ Edmund Husserl: filósofo alemão nascido a 8 de abril de 1859 e falecido a 27 de abril de 1938.

¹¹ “entendido como a unidade de todas as experiências, como formação constitutiva das formações associativas fundadas em *Glauben*; é, empiricamente, conhecível de acordo com o *princípio lógico da indução* e isso tem a mesma extensão da experiência objetivante”.

Nessa dimensão, há conhecimento da realidade, há uma prática, há uma lógica que o subjaz. O paradigma dessa visão de conhecimento é modificado por Euclides, como anteriormente mencionado.

Há uma diferença profunda entre o processo gnosiológico que está na base da Geometria Euclidiana e a visão ontológica que está na base da ciência pré-predicativa da natureza. Nesta impera o conhecimento intuitivo e mensurações aproximativas. Naquela, opera-se com aproximações em relação às formas mais perfeitas; com mensurações mais corretas; busca-se a exatidão e, mais do que isso, subjacente a essa busca, encontra-se o processo de constituição de um método, o qual vai se mostrar poderoso no avançar do pensar científico e tecnológico.

É operada uma matematização indireta da natureza. Isso porque, com Euclides, as formas percebidas na experiência empírica da realidade física já não são mais quase perfeitas, assim como as distâncias já não são determinadas como *mais próximas* ou *mais longínquas*, por exemplo, mas são formas e distâncias exatas, uma vez que são formas-limite e distâncias-limite ideais. A concepção ontológica que subjaz à Geometria Euclidiana é concernente à realidade concebida como idealidade¹². É nessa dimensão que se dá a matematização da natureza, a qual, por ter sido importada por Galileu, deu sustentação à visão da Ciência Moderna, por intermédio da Física, conforme está explicitado por Husserl (2008).

Portanto, do ponto de vista do movimento do conhecimento que se dá em termos de constituição, realizada pelo/no corpo-vivente, no âmbito da subjetividade e de produção, no âmbito da intersubjetividade e, sendo assim, na esfera do sócio-histórico-cultural, as modalidades quantitativa e qualitativa não se evidenciam como opostas e como detentoras de um único modo de produzir conhecimento. Elas se separam e adquirem supremacia, uma em relação à outra, no âmbito ideológico e político, em que o jogo do poder se impõe.

¹² Idealidade, entendido como o modo de ser ideal, aqui tomado como o proveniente da ideia, ou eidos. Ou seja, da coisa vista - noema, trazida na intencionalidade à consciência, como o percebido ou o visto - noesis. O modo de ser - dade - diz do produto do processo de idealização. Este realiza uma ação em que o pensamento, entendido como movimento articulador de sentidos, movimenta-se da percepção da coisa individual para a possibilidade de melhoria infinita.

3 Explicitando as visões de mundo, de conhecimento, de rigor implícitas à investigação qualitativa

É importante frisar que, quando se fala em pesquisa qualitativa, não se está falando de uma visão única, tanto em termos de concepção de realidade, quanto de procedimentos investigativos. Nesse aspecto, há uma diferença marcante entre a *pesquisa qualitativa* e a *quantitativa*. A visão assumida por esta, no que concerne à realidade, é explicitada como objetivamente dada e passível de ser conhecida por um sujeito dela separado.

Do mesmo modo, é preciso destacar que há uma tendência em se entender que a investigação qualitativa diz respeito às Ciências Humanas. Muitas vezes, são apresentadas discussões em confronto com a prevalência da pesquisa quantitativa em nome dessas ciências. Entretanto, esse entendimento não se mantém. Há investigações qualitativas realizadas nos diferentes campos das ciências e, de modo radical, sem risco de errar, pode-se afirmar que toda ciência é humana e tem raiz em dados qualitativos. Por outro lado, há investigações das Ciências Humanas que procedem de *modo quantitativo* e que assumem a visão positivista de realidade, podendo ou não trabalhar com dados quantificáveis.¹³

Nesse artigo, assume-se que a investigação qualitativa trabalha com a visão de realidade como sendo complexa, como uma totalidade orgânica de forças que se movimentam em uma fluidez dinâmica, em constante *tornar-se* e que se expõe no movimento do seu *sendo*. A realidade é vista como sempre escapando à pessoa investigadora, se esta quiser olhá-la de modo objetivo. Porém, concomitantemente, conforme a perspectiva do olhar, clama por ser materializada objetivamente. Essa objetividade é fruto do movimento qualitativo – quantitativo. E mais, essa materialização sempre se dá mediante a linguagem.

Do que se fala, quando se fala de qualitativo?

É preciso deixar clara a perspectiva de que se está falando em qualidade. Pode, sim, dizer de valores associados à coisa de que se fala, emitindo-se juízo de valor: é boa; é ruim etc. Nesse caso, a perspectiva assumida já é a de julgamento. Ou, ainda, assumindo a objetividade da coisa como possuindo certas qualidades que a caracterizam, como, por exemplo, ao falar-se em qualidade primária, dizendo-se daquelas sem as quais o corpo não poderia ser concebido, como extensão, impenetrabilidade, movimento, repouso.

¹³ É o caso, por exemplo, de quando assumem teorias tomadas, de modo naturalístico, que embasam as interpretações exposta nos estudos realizados.

Nesse caso, se está na dimensão da visão de realidade como existindo separadamente do sujeito que a conhece e mais, de que é possível conhecê-la. Qualidade também diz das nuances dos sentidos que se difundem pelos órgãos sensoriais da corporeidade do sujeito, fornecendo-lhe indícios do objeto percebido. Esse aspecto, na História da Filosofia Ocidental, tem sido sempre tratado como sendo um conceito subjetivo e, por isso, não confiável em termos de conhecimentos que se caracterizam pelo aspecto qualitativo.

A pesquisa qualitativa trabalha com a qualidade vista como sentida pelos órgãos sensoriais do sujeito que, cognitivamente, articula essas sensações e percepções; entretanto, elas sempre transcendem a esfera da subjetividade, porque o que o percebido diz para o sujeito é organizado e é expresso pela linguagem que os mantém, porém sem dar conta de aprisioná-los em significações biunívocas portadas por palavras definidoras. E, no mundo da linguagem, a diversidade de modos de compreender a realidade se instaura. Ela se evidencia como estando no âmago da concepção da pesquisa qualitativa, todavia, não está só. Com ela, inclusive, estão a história e a intersubjetividade, fundantes da realidade sociocultural. Esses aspectos tecem a complexidade da realidade, como entendida pela investigação realizada de modo qualitativo. Eles são diferentemente destacados, conforme a linha filosófica assumida pelos investigadores.

Como então se pode buscar o rigor na investigação qualitativa, se a qualidade está ligada aos sentidos, se a linguagem não se aprisiona em significados únicos, sempre escorrendo para abraçar mais sentidos que povoam a historicidade do mundo sócio-histórico-cultural? Enfim, há possibilidade se se falar em rigor, na abordagem qualitativa?

Sim, há.

O rigor é pautado na busca dos sentidos e significados expressos na linguagem que traz relatos de vivências subjetivas e de ocorrências sócio-históricas. Estas são disponibilizadas em documentos, em imagens estáticas ou dinâmicas, em obras de arte, etc.; são textos para serem lidos, compreendidos e interpretados. A interpretação está ligada à linha filosófica, assumida pela pessoa investigadora e sua equipe; porém, há que ser explicitada em detalhes, para cada caso, uma vez que não há uma generalidade a priori exposta em termos de método a ser seguido ou como uma autoridade que afiance suas afirmações. Estas são, logicamente, entrelaçadas no movimento em que o conhecimento do indagado vai se explicitando.

É nesse ponto que as pessoas, que assumem a pesquisa qualitativa, qualquer que seja a vertente, precisam estar atentas e cuidarem-se para não resvalar no fio indelével que separa e que une o quantitativo e o qualitativo. Não podem se deixar aprisionar em

interpretações pessoais ou de grupos a que pertencem; não podem perder o fio condutor do pensar posto por sua busca; não podem trazer estudos já realizados, tomados naturalizadamente, porém, sempre é preciso que exponham o que esses estudos dizem e por que vêm ao encontro do que estão investigando, o que esclarecem e no que se distanciam.

4 Explicitando a lógica da pesquisa qualitativa

A lógica da pesquisa qualitativa subjaz os procedimentos que se desenvolvem na direção de responder a uma indagação, que pode ser formulada como uma pergunta orientadora. Não têm por meta uma hipótese a ser comprovada ou rejeitada, à luz de dados que fortalecem uma teoria específica, a qual postula, previamente, sobre a investigação em curso. É uma lógica que caminha junto à interpretação dos dados construídos pela pessoa – e sua equipe - que investiga o indagado, os quais são expressos em textos, mediante uma linguagem. O aqui mencionado como *texto* tem um amplo espectro de possibilidades de compreensão, desde o texto escrito até a realidade cotidiana em que os sujeitos da pesquisa vivem e, inclusive, o contexto sócio-histórico-cultural. O escrito no texto pode ser oriundo de: relatos de experiências vivenciadas, diretamente, pelo sujeito entendido como significativo para a indagação que aponta os caminhos a serem percorridos na intenção de compreender a respeito do indagado; de relato de ocorrências histórico-sociais; de entrevistas; de obras históricas culturais materializadas nos modos pelos quais estavam à disposição no momento de sua criação, como obras arquitetônicas, pinturas, músicas. A interpretação sempre é realizada mediante um diálogo entre quem investiga os dados construídos, as obras de autores referendados, o movimento espaço-temporal em que as ocorrências se dão.

Assume-se que a linguagem *diz*. Persegue-se o dito, de modo interpretativo e atento, para preservar o rigor implícito a cada passo. Este, porém, não se revela de imediato, mas é sempre perceptível nas *entrelinhas*, no além do, aparentemente, expresso nas palavras. Estas são polissêmicas, nunca fechadas a um único sentido e significado, mas abertas a significações expressas pelos sujeitos que as pronunciam. Sujeitos que habitam mundos próprios, como no caso de estudos da clínica psíquica, e mundos socioculturais, quando se investigam diferentes povos, sua cultura e tempo. Além disso, a gramática que estrutura o texto está inscrita no modo pelo qual uma realidade cultural compreende o mundo. Ou seja, não há entre humanos uma única gramática.

Sendo assim, a interpretação exige um trabalho árduo, não passível de ser pautado em um modelo apriorístico e geral. Mas está longe de ser subjetivo e embasado em emoções que sustentem opiniões. É sempre um trabalho intersubjetivo que avança no diálogo lógico-racional entre pessoa investigadora-texto-contexto-estudos que dizem do investigado.

Referências

ALES BELLO, A. **Husserl e le Scienze**. Roma: La Goliardica. Editrice Universitaria di Roma. 1986.

HEGEL, G. F. **Ciência e Lógica**: 1. A Doutrina do Ser. Petrópolis: Vozes, 2016.

HUSSERL, E. **Ideas**. General Introduction to Pure Phenomenology. New York: Collier Books, New York, 1972.

HUSSERL, E. **Formal and Transcendental Logic**. (Tradução de Dorian Cairns). The Hague. Martinus Nijhoff, 1978.

HUSSERL, E. **A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcedental**. (Tradução Diogo Falcão ferrer). Braga: Phainomenon e Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2008.

Convite feito em: 10 de maio de 2021

Revisão feita em: 12 de novembro de 2021